

EXPRESSÕES DO SER SEXUAL NA PUBERDADE: UMA VISÃO PSICANÁLITICA

Larisse Mendes de Lemos

Psicanalista. Graduação em Psicologia pelo Centro universitário Maurício de Nassau (UNINASAU).
Especialização em Psicanálise (FAEPI).

Artigo de revisão apresentado como requisito parcial à conclusão da Formação e Pós-graduação em
Psicanálise - Faculdade de Educação do Piauí / Escola Freudiana de Psicanálise de Teresina.

RESUMO

O artigo explora a diversidade de expressões do ser jovem, em suas descobertas quanto à sexualidade na puberdade a partir da visão psicanalítica. O trabalho destaca a infância como uma fase determinante para esse processo de formação do ser sexual. Dessa forma, ressalta-se a importância de uma educação sexual e intervenções adequadas.

Palavra-chave: Sexualidade. Puberdade. Psicanálise.

ABSTRACT

The article explores the diversity of expressions of being young, in its discoveries regarding sexuality, in puberty, under a psychoanalytic perspective, highlighting childhood as a determining phase. From this research we conclude the importance of sexual education and appropriate interventions.

Keywords: Sexuality, Puberty, Psychoanalysis.

1 INTRODUÇÃO

Compreender a sexualidade na puberdade é ter a noção de que o sujeito está em um processo imbuído de uma série de mudanças. Que vão além do crescimento físico e maturação sexual.

As condicionantes que envolvem a sexualidade na puberdade são voltadas para os aspectos psicológicos, construção da subjetividade em suas identificações, dimensões emocionais, afetivas e simbólicas que influenciam a forma como o sujeito se percebe e se relaciona.

Dessa forma, a sexualidade nesse período é um fator determinante para esse ser social, que se identifica, se relaciona e se expressa no mundo. Essa fase, marca o retorno das pulsões infantis, que antes eram dispersas e parciais, que, agora, se concentram também nas genitálias.

Moarci(2017, p.3), considera que “Freud ressalta que uma das principais dificuldades do aparelho psíquico, é abandonar um modelo de funcionamento em benefício de outro”. Nessa etapa, o ser jovem é confrontado com intensas transformações corporais e psíquicas: surgem as fantasias, impulsos e conflitos que ressignificam as experiências na infância, especialmente aquelas relacionadas ao Complexo de Édipo, conforme Narsio(2005):

O Édipo é a experiência vivida por uma criança de cerca de quatro anos que, absorvida por um desejo sexual incontável, tem de aprender a limitar seus impulsos e ajustá-lo aos limites do seu corpo imaturo, aos limites de sua consciência nascente, aos limites do medo e, finalmente aos limites de uma lei tácita que lhe ordena que pare de tomar seus pais por objetos sexuais (Narsio, 2005, p 12).

A vinculação edipiana permite o ser traçar as posições de gênero em sua configuração mental e nas incorporações das expressões, que se manifestam independentemente do sexo biológico, mas, sim, de inscrições do seu inconsciente na dinâmica de suas fantasias e desejos.

O ser em sua orientação sexual, vivencia uma sexualidade fluida. Constituída em cada etapa do desenvolvimento psicosssexual, quais sejam: oral, anal, fálica, pré genital e genital.

Essas etapas são atravessadas por fantasias, idealizações e identificações em suas primeiras relações, ou seja, as parentais. Essas orientações sexuais de desejo, estão organizadas em: heterossexual, homossexual, bissexual, pansexual, assexual, entre outras.

O sujeito desejante na etapa do amadurecimento biológico e sexual, se encontra em processo de desenvolvimento mental e corporal, que se refere aos órgãos genitais e o aumento dos níveis hormonais. Essa fase marca as condições que transformam o corpo físico inclinado para as suas primeiras relações com o outro e consigo mesmo.

O despertar pelo próprio corpo e o corpo do outro nas suas primeiras relações sexuais, não se destinam apenas para o ato sexual, mas, sim pelas suas questões emocionais, como a busca por afeto, construção da autoimagem, autoestima e o surgimento de novos sentimentos.

Muitos dos seus comportamentos estão ligados à sexualidade, ela está no centro do seu psiquismo. Freud traz a existência da sexualidade desde a infância, considerando que cada uma das fases tem suas características específicas em que se manifestam de acordo com a maturação e vivência de cada indivíduo.

Em torno dos processos psicosexuais vivenciados na puberdade, as influências externas se sobressaem. A exemplo de normas familiares, valores religiosos, pressão de grupos sociais, mídias, redes sociais, falta ou a presença de educação sexual, que são fatores que retardam ou antecipam o início dessas primeiras experiências, as quais refletem na forma como o ser jovem se percebe e lida com a sua sexualidade.

Partindo desses diálogos, o artigo tem como objetivo explorar a diversidade de expressões do ser jovem, em suas descobertas quanto à sexualidade no período da puberdade.

O trabalho aborda o ser sexual em suas relações nas diversidades de sua sexualidade que inclui gênero, identidade e orientação sexual que permitem as primeiras relações do ser em contato com o outro, auxiliando na formação de sua identidade e subjetividade no meio em que se insere.

A pesquisa visa em ampliar a perspectiva da sexualidade na puberdade nas

contribuições psicanalíticas. Ressaltando a constituição identitária e subjetiva desse ser jovem, em simbolizar suas emoções e afetos, através de regulações, organizações de seus ideais e identificação dos seus próprios desejos.

Ao destacar esses diálogos, constata-se que a experiências do ser jovem na etapa de seu desenvolvimento sexual, necessita de um olhar em que legitime a sua existência, mas, que por outro lado, seja orientada a partir de práticas e discussões que proporcionem um ambiente seguro para que possa expressar sua forma de ser.

Para isso, o estudo observa que o processo de construção sexual do ser jovem deve ser acompanhado através de percepções e orientações. Para que o ser sexual possa compreender seus limites e fronteiras no mundo em que se insere.

Desse modo, ao estabelecer um ambiente de escuta e orientação, evidencia-se uma responsabilidade afetiva que é ligada a sentimentos de respeito e consideração a esse outro em cena no construto dessa intimidade, no compartilhar dessas expectativas e vulnerabilidades.

A orientação sexual na puberdade, não estimula a prática sexual, mas auxilia o desenvolvimento das próprias ferramentas desse Eu, em se proteger, na regulação emocional e autônoma, quebrando os tabus, culpas e julgamentos existentes a essa temática.

O início da vida sexual dos brasileiros, segundo o Ministério da Saúde, ocorre na fase da adolescência a média de idade da primeira relação sexual no Brasil é de 14,9 anos, sendo que as mulheres iniciam mais tardiamente do que os homens.” (Baptista *et. al*, 2015 p. 3)

Os métodos contraceptivos, não menos importante, são os principais aliados em prevenções contra as ISTs e das gravidezes indesejadas. A informação do local adequado de acolhimento e intervenções médicas é de grande relevância nessas situações.

2 METODOLOGIA

Este trabalho se trata de uma pesquisa explicativa, com procedimentos em uma de caráter qualitativo e cunho bibliográfico. O público alvo da pesquisa, são pessoas na fase da puberdade, vivenciando sua sexualidade.

Para o desenvolvimento do estudo, foram feitas leituras e fichamentos de artigos, revistas e livros referentes a temática abordada.

Para a consulta e leituras de referências bibliográficas, utilizou-se meios técnicos de estudo encontrados no *Scielo* e *Google Acadêmico*, ancorados em uma em assuntos voltados para a sexualidade, puberdade e psicanálise.

Com foco na diversidade de expressões do ser jovem, suas descobertas quanto à sexualidade no período da puberdade e suas determinações na inscrição psíquica. A metodologia tem bases teóricas em comprovação das informações levantadas com referenciais bibliográficos pautadas nos pensamentos de Sigmund Freud(1905), Narsio(2007), Judith Bluter(2002) e Eric Ericksson(2002).

Segundo Gil (2007), a pesquisa explicativa, preocupa-se em identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. De acordo com Fonseca (2002), a pesquisa possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar, como um processo permanentemente inacabado.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Nesta seção objetiva-se discutir acerca dos processos voltados para o desenvolvimento sexual do jovem no período da puberdade. Nesse sentido, os apontamentos se concentram em contribuições teóricas as quais direcionam para as compreensões que se referem à sexualidade e à puberdade a partir do viés psicanalítico.

3.1 O ser jovem e os grupos sociais de identificações

O ser sexual em sua identidade de gênero passa por um momento de identificações, com o masculino, com o feminino ou com nenhum deles, que é denominado de o não binário.

Segundo Butler (2003, p.21), “o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexual”. Nesse levantamento, reflete-se que o gênero é uma condição apreendida, que o ser na condição masculina e feminina são elementos de uma

construção social, chamados de gênero binário.

A autora enfatiza a dissociação do sexo e gênero em sua interdependência, em que ambos não precisam necessariamente ser correspondentes, como as diversas expressões do ser não binário, que são: gênero fluído, agênero, queer, neutrois, andrógine, transfeminina, transmaculino, xenogênero e demigênero.

Logo, essas nomenclaturas abrem espaço para as discussões de atração ou do desejo do indivíduo. Segundo Louro (2001), o grande desafio dos Estudos *Queer* é assumir tanto que as posições de gênero e sexuais são múltiplas, e é impossível lidar com elas apoiadas em esquemas binários: homem/mulher, masculino/feminino, heterossexual/homossexual, quanto admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem, é exatamente a fronteira.

Discorrendo sobre a multiplicidades das posições ou orientações sexuais que são elas: heterossexual, homossexual, bissexual e assexual, é onde o jovem orienta suas energias libidinais, o despertar dos seus desejos voltado ao outro.

Na obra de *Além do princípio do prazer* (1920), de Sigmund Freud, menciona sobre as organizações mentais, instintos de prazer e os instintos da realidade onde ambos influenciam a vida psíquica do sujeito.

Entende-se que o princípio de prazer é próprio de um método primário de funcionamento por parte do aparelho mental, mas que, do ponto de vista da autopreservação do organismo entre as dificuldades do mundo externo, ele é, desde o início, ineficaz e até mesmo altamente perigoso.

Surge, assim o princípio da realidade que não abandona a intenção de fundamentalmente obter prazer. Não obstante, exige e efetua o adiamento da satisfação, o abandono de uma série de possibilidades de obtê-la, e a tolerância temporária do desprazer como uma etapa no longo e indireto caminho para o prazer. Contudo, o princípio de prazer persiste por longo tempo como o método de funcionamento empregado pelos instintos sexuais, que são difíceis de “educar”, e, partindo desses instintos, ou do próprio ego, com frequência consegue vencer o princípio de realidade, em detrimento do organismo como um todo.

A realidade, é que lidar com o desprazer não é muito confortável, em especial para os jovens, que em sua maioria agem pelas emoções dos impulsos. Sobre esse

aspecto, Freud(1905) discorre que trata-se de:

Uma sensação de tensão tem necessariamente o caráter de desprazer. É decisivo para mim, o fato de tal sensação trazer consigo o impulso para a mudança da situação psíquica, de atuar de forma instigadora o que é inteiramente alheio a natureza do prazer que sente (Freud, 1905, p. 123).

As adequações comportamentais que o ser sexual na puberdade vai se dispondo em agir em acordo com as regras impostas do seu meio, isso acaba, registrando inscrições na sua psique, com suas fixações e compulsões, que são desenvolvidas nas fases psicosssexuais, mencionadas no tópico posterior.

3. 2 O ser sexual na psicanálise

Freud (1905), dividiu o desenvolvimento humano em fases psicosssexuais, oral, anal, fálica e genital. O ser sexual na puberdade, comumente situa-se entre a fase fálica e latente genital, a primeira fase citada, é onde o indivíduo desloca sua energia libidinal para outros objetos, é o despertar para o mundo, além de si(autoerotismo), investindo sua energia ao social e a seu intelecto e ao mundo externo.

Na segunda, é onde o sujeito reconhece o outro como objeto de desejo, ou seja, é onde o domínio na zona genital prevalece. Na chegada dessas fases, o sujeito está vivenciando ao mesmo tempo muitas questões do seu íntimo, a primeira em suas questões de subjetividade, construção e formação da personalidade e o *self*, que trata-se do modo próprio de comportamento ou caráter particular de alguém, de acordo com a maneira como essa pessoa o expressa. O seu Eu e suas diferenças e semelhanças, muitas vezes transferências com o Outro, ou seja, suas identificações interpessoais. É através desses processos que o sujeito vai se encaixando no mundo:

Visto que no momento de amadurecer, surgem vários desafios e cobranças internas e externas, que vão demandar desse indivíduo um papel ativo na sua vida, de tomada de escolhas, muitas vezes por influências sociais ou pelo seu Eu da infância (Erikson, 1968 *Apud*, Verissimo 2002, p. 4)

Mas é a partir desse ponto que o adolescente vai se identificando. Formando sua identidade e se expressando por meio dela, com o seu modo de vestir, pensar e

a agir a partir de seus aspectos culturais e sociais. E, assim, potencializando sua busca constante de autoconhecimento.

É a partir da relação com o Outro, juntamente com as transformações corporais e mentais, que vai amadurecendo a sua sexualidade. Dessa maneira, a sexualidade do ser jovem na visão psicanalítica se apropria na investigação e nas compreensões dos comportamentos do sujeito que estão intimamente ligados a sua infância. De acordo com Freud(1905),

A sexualidade na Etiologia das Neuroses (1898a), por exemplo, se pronuncia ora a favor, ora contra ela. De um lado, afirma que as crianças são “capazes de todas as funções sexuais psíquicas e de muitas das somáticas” e que é errôneo supor que sua vida sexual só comece na puberdade. De outro lado, entretanto, declara que “a organização e a evolução da espécie humana buscam evitar qualquer atividade sexual considerável na infância”, que as forças motoras sexuais dos seres humanos devem ser armazenadas e somente liberadas na puberdade, e que isso explica por que as experiências sexuais infantis estão fadadas a ser patogênicas (Freud, 1905 p. 80).

As infinitas formas de desejos, muitas vezes são manifestadas e logo censuradas, especialmente quando acontece nas primeiras fases psicosssexuais do ser. Período esse, que a energia libidinal está direcionada às figuras de apegos afetivas, como por exemplo, pelo pai ou mãe, é o momento que se inicia o Complexo de Édipo, um dos termos pilares para a psicanálise.

No complexo de Édipo, é o ponto de partida para o processo de sexuação e da formação subjetiva. É onde o sujeito terá a noção do masculino e feminino, conforme os papéis de cada um e o contato com as primeiras castrações. A fase desse ser sexual tem seu início nos seus 4 anos de idade, a qual corresponde a fase fálica.

Narsio (2007, p.12), afirma que “ o Édipo não é apenas uma crise sexual de crescimento, é também a fantasia que essa crise molda o inconsciente infantil”.

O Édipo atuando como o organizador da subjetividade, e regulador da posição do desejo, na ação limitadora de uma das figuras desse triangulo(pai-filho-mãe), por via de regra representada pela figura paterna, aquele que detém o poder da lei, que impõe regras, proibições e interdições, provoca no sujeito a angustia de castração, onde a criança percebe que a satisfação plena é impossível, levando-a reprimir alguns de seus desejos.

Segundo Cabas (1980), a castração de que fala a psicanálise não se reduz à perda do pênis, tão somente corresponde a uma falta que se inscreve no psiquismo como motor para acionar os desejos frente à realização.

Segundo Lacan (*apud*. Aberti; Silva, 2019, p.6) “a sexualidade está, sem nenhuma dúvida, no centro de tudo que se passa no inconsciente. Mas está no centro por ser uma falta”. O sujeito sexual em sua infinitude, é um ser faltante, carregado de desejos, que precisa se conectar com seu objeto, que necessita do mesmo para sua satisfação de prazer ou desprazer.

Na psicanálise, a mediação dos conflitos entre o desejos e as normas, são movimentados e estruturados nas instâncias psíquicas (id, ego e superego). O ego, como princípio da realidade, é o principal mediador de equilíbrio das duas forças, que agem sobre as influencias pulsionais de desejos primitivos do id, visando gozar a qualquer custo.

Em contrapartida, o superego entra em cena, punindo\regulando e contornando as formas aceitáveis, moralmente falando, de gozar. Se inscreve no inconsciente sobre internalizações, sobre limites, proibições, se instaurando como uma figura autoritária.

Os objetos de amor na linguagem psicanalítica, não se referem necessariamente do erotismo, mas, sim, associado há uma questão de espelho, de se identificar por aquele objeto, que idealiza para torna-se semelhante ao mesmo.

É o início da vida sexual do sujeito, é onde ele entende que sua mãe não possui o falo, mas, sim, o pai. Nessa visão, o despertar dos desejos, seja ele, pelo ser masculino ou pelo feminino, está ligado com a identificação da figura materna e paterna.

Em todos os seus aspectos e características de comportamento que ambos, socialmente representam, é como o sujeito vai vivenciar esse contato, que será um fator determinante para sua sexualidade com o outro. Representada na heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade.

Na primeira, o sujeito tem como identificação o seu objeto oposto, que em padrões de normas comportamentais se desenvolve uma figura masculina ativa nessa relação.

Na segunda, a identificação com o objeto semelhante. Na bissexualidade, o

sujeito se identifica com os dois objetos, de certo modo, investindo em ambos os sexos. O objeto investido de desejo sempre será familiar para o sujeito.

Desse modo, as expressões da sexualidade do ser jovem se modelam e se desenvolve a partir da relação edipiana, no despertar pelo o Outro, através de suas experiências culturais e subjetivas que intercede na sua maneira de existir.

Nesse sentido, a forma de como o esse sujeito se percebe no mundo é continuamente construída na articulação entre suas vivências internas e os significados sociais que moldam seus vínculos e modo de relacionar diante do Outro.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo expande o conhecimento sobre a sexualidade na puberdade. Além de apresentar o quanto a sexualidade é determinante na vida psíquica desse ser jovem, movido por instintos e carregado de energias que direcionam para o seu processo de identificação consigo mesmo e com o outro.

As contribuições psicanalíticas esclarecem sobre esse ser sexual que busca constantemente o gozo, e que resiste em lidar com as castrações. Portanto, observa-se que a puberdade marca um processo de transformação do seu Eu, seja ela na formação da sua identidade ou assumindo novos papéis sociais, bem como o enfrentamento do luto pela transição das metas sexuais e abandono do aparelho sexual infantil.

Dessa forma, percebe-se que o ser sexual em seu processo de formação possui novos traços sociais e físicos que potencializam uma maturação para uma modelagem mais adulta e erotizada, abrindo espaço para a entrada do Outro, que se faz importante em toda sua construção social. Como o modo de se relacionar e as expressões de seu desejos e identificações.

A centralidade da pesquisa está na fase da puberdade, em suas relações nas diversidades de sua sexualidade que inclui gênero, identidade, orientação sexual e primeiras relações do ser em contato com o outro, em seus vínculos e relacionamentos.

A partir da análise das características da formação da sexualidade na

puberdade, ressalta-se sobre algumas intervenções para direcionar o ser sexual na passagem dessa fase, com uma educação sexual adequada, com a finalidade de informar.

As intervenções devem ser pautadas na formação saudável dessa sexualidade, com direcionamentos educativos, construção ou fortalecimento do vínculo familiar, nas habilidades sociais, e, se necessário, a ajuda de um profissional capacitado, como professores, psicólogos e psicanalistas.

As aplicações de técnicas com base ética de cada profissão, devem ser expostas com responsabilidade para abordarem aspectos emocionais em uma escuta acolhedora, promover diálogos estruturados, explorando a identidade e o autoconhecimento para simbolização de suas vivências, seguindo a desconstrução de crenças e influências, que se expressam de forma disfuncional e adoecida na vida mental e física desse ser sexual, guiando uma nova maneira de relacionar.

O sintoma na psicanálise surge como um sinal que dá sentido aquilo que grita dentro de si, não só como uma expressão dolorosa, do que é reprimido e censurado, mas como uma forma de funcionar e se adequar diante da sua própria realidade.

Destacando um dos profissionais para conduzir essa intervenção, temos o psicanalista, sustentado pela ética do não saber, embasado no tripé de sua formação, em teoria, análise e supervisão.

Na escuta desse ser jovem que vivencia a puberdade, deve-se considerar os impactos despertados nessa fase e suas reedições de fantasias infantis. Além de sustentar o espaço que acolha esse lugar de transição, bem como atentar-se como se deu a ruptura da relação de seu primeiro objeto de amor e de como essas questões refletem atualmente em sua vida.

A análise passa se tornar um meio para esse sujeito se encontrar em sua própria maneira de existir, respeitando seus processos de maturação, movimentos de separação e pertencimentos, reduzindo suas angustias, reconhecendo sua subjetividade e autonomia emocional.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Sonia; SILVA, Heloene Ferreira da. Sexualidade e questão de gênero na adolescência: contribuições psicanalíticas. **Psicologia: teoria e pesquisa**. v. 35. e. 35434, 2019. pp. 1-11.
- BAPTISTA, Curi *et. al* . Início da vida sexual entre adolescentes (10 a 14 anos) e comportamentos em saúde. **Rev Bras Epidemiol**. v 18, n 1, pp 1-18. jan/mar. 2015.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a sexualidade, análise, fragmentaria de uma histeria ("o caso de Dora) e outro textos. **Companhia das letras**. v 6, 1901-1905.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 5. ed. São Paulo: Altas, 2008.
- NÁSIOO, J.-D. **Édipo**: o complexo do qual nenhuma criança escapa. São Paulo: Zahar, 2007. ISBN978-85-7110-972-8.
- OLIVEIRA, H. M; Hanke, B. C. Adolescer na Contemporaneidade: uma crise dentro da crise. **Agora**. Rio de Janeiro, v. 20 e n. 2, mai/ago, 2017.
- RAMOS, Francisco, Farias de. Reflexão sobre a homossexualidade masculina. **Arq. bras. Psic.** Rio de Janeiro, v. 38, n. 3, pp. 101-108, jul./set. 1986.
- VERÍSSIMO, R. Desenvolvimento psicossocial Erik Erikson. **Psicopatologia geral** Porto. Faculdade de medicina do Porto. 2002.